

Nota Obituária

Werner Baer, um grande amigo

Werner Baer, a good friend

Roberto Borges Martins
Universidade Federal de Minas Gerais

Há cerca de um ano, em 31 de março de 2016, morreu em Urbana-Champaign, Illinois, o economista Werner Baer, nascido em 1931 na Alemanha e naturalizado norte-americano. Fez seus estudos de graduação na City University of New York (1953) e obteve os títulos de Mestre e de Doutor na Universidade de Harvard, em 1955 e 1958.

Werner era apaixonado pelo Brasil. Em sua brilhante e prolífica carreira acadêmica escreveu dezenas de livros e artigos sobre vários países da América Latina, mas os mais importantes (e mais queridos por ele) foram dedicados a temas brasileiros. Para citar apenas dois, lembro *Industrialization and Economic Development in Brazil*, que foi publicado há mais de meio século, em 1965, teve várias edições em inglês, foi traduzido para o português em 1966, e já teve sete edições no Brasil. *The Brazilian Economy: Its Growth and Development* (1979), teve a mesma trajetória de sucesso: está na sétima edição e é presença obrigatória nas *reading lists* dos cursos de pós-graduação das universidades americanas.

Como professor, em Yale (1961-65), Vanderbilt (1965-74) e Illinois, onde ensinou de 1974 até sua morte em 2016, Werner também revelava sua paixão: dava cursos sobre o Brasil, organizava seminários e eventos sobre o Brasil, e induzia seus estudantes brasileiros, americanos e de outros países a escrever suas teses sobre tópicos brasileiros.

Werner não era apenas um excelente professor e pesquisador. Tinha grande vocação e habilidade como *institution builder*, e usou esses talentos também para prestar grandes serviços ao Brasil. Em Vanderbilt foi importante no reerguimento, como Center for Latin American Studies, do Instituto de Estudos Brasileiros que existira nos anos 1940. Sua amizade dos tempos de

Harvard com Jorge Paulo Lemann foi decisiva para a instalação e o financiamento do Lemann Institute for Brazilian Studies, na Universidade de Illinois.

Teve também grande importância na modernização do ensino e da pesquisa em economia no Brasil. No meado dos anos 1960, participou da idealização, organização e realização do Seminário de Itaipava. Nesse evento histórico, os melhores economistas do país – Isaac Kerstenetzky, Julian Chacel, João Paulo de Almeida Magalhães, Maria da Conceição Tavares, Mario Henrique Simonsen, João Paulo dos Reis Veloso, Delfim Netto, e outros – traçaram planos e diretrizes para a criação e/ou consolidação de centros de pós-graduação e pesquisa em vários estados brasileiros, entre eles o Cedeplar em nossa faculdade. O projeto previa ainda a criação de uma entidade nacional para congregar os centros regionais (que se materializou na ANPEC, atualmente com vinte e sete membros), o envio de estudantes para fazerem o doutorado em universidades americanas, e visitas de grandes economistas ao Brasil.

O plano nascido em Itaipava foi um enorme sucesso, gerando a rede de pós-graduação e pesquisa que temos hoje no Brasil, em boa parte devido à atuação de Werner Baer na sua implementação. Ele acompanhou e participou de cada momento e de cada problema na instalação dos centros, e teve um papel crucial no financiamento do projeto. Foi ele que comandou a alocação de recursos da Fundação Ford e da USAID para a implantação dos centros, bolsas de complementação salarial para os professores, aquisição de bibliotecas, organização da ANPEC e, sobretudo, para o financiamento de centenas de estudantes brasileiros em universidades americanas.

Muitos desses estudantes obtiveram seus doutorados, voltaram para nossas universidades, ajudaram a desenvolver nossos próprios mestrados e doutorados, e a formar nossos próprios mestres e doutores. Hoje não precisamos mais do Werner, nem de *brazilianists*, nem de estudar economia nos Estados Unidos, mas é bom lembrar que isto se deve, em grande medida, à semente que ele ajudou a plantar.

Werner foi um grande amigo da nossa faculdade. Foi fundamental na consolidação do Cedeplar, e durante mais de cinquenta anos manteve conosco um relacionamento forte e afetuosos. Muitos ex-alunos da Face, entre os quais me incluo, devem a ele a oportunidade de estudar no exterior, numa época em que não havia doutorado em economia no Brasil. Apenas por Vanderbilt, quando lá estive nos anos 70, passaram Ricardo Santiago, Robertinho Vasconcelos, Aécio Cunha, Madalena Maia, Toninho Lício,

Zé Carlos Ferreira, e eu. Sem contar Cláudio Moura Castro, Flávio Versiani e Maria Teresa Ribeiro de Oliveira, que já tinham terminado seus cursos.

Foi também um grande amigo meu. Falar sobre sua perda é ruim, mas transformo isso numa viagem afetiva no tempo. Me vejo de volta a 1971, aos meus 24 anos, quando o conheci, e me lembro do imenso débito que tenho com ele. Era o tempo da ditadura, éramos todos de esquerda, e qualquer gringo era visto com suspeição. Ainda mais um gringo que tinha ligações com a USAID e com a Ford. Diziam que ele era da CIA. Me lembro, como se fosse hoje, do nosso querido Domício Murta, professor de regional, gritando naquele vão interno do prédio da Tamoios, que “o Ideplar tinha se vendido para a Fundação Ford”.

Eu queria ser Ph.D. Tinha me formado em 70, já era professor concursado do departamento, mas não tinha feito o mestrado. Werner me garantiu a aceitação em Vanderbilt, faltava resolver o problema da grana. As bolsas que pedi à Capes e ao CNPq foram recusadas, e com muito custo consegui saber que o problema era político. Meu pai tinha sido aposentado compulsoriamente e tivera seus direitos políticos cassados pelo AI-5, em 1969, junto com outros professores e pesquisadores de esquerda, da UFMG, da USP e várias outras universidades. As “autoridades” diziam que eu tinha “ficha no Dops”. Anos depois, com a abertura dos arquivos da polícia política e sua disponibilização pelo Arquivo Público Mineiro, fiquei sabendo que tinha mesmo. Era uma coisa absurda, um atestado de incompetência dos arapongas do regime, pois dizia que eu era, simultaneamente, do Partido e da AP, da esquerda católica, dois inimigos mortais no movimento estudantil (prontuário nº 10.107). Fiquei puto – eu era só do Peceção – mas a tal ficha me custou as bolsas.

O Werner e a UFMG me socorreram. Ele me deu uma bolsa da Ford, para pagar as passagens de ida (minha e da Duca, eu já era casado), e as *tuition and fees* da universidade. O departamento e a reitoria da UFMG concordaram em me dar licença remunerada e continuar pagando meu salário de “auxiliar de ensino”, o primeiro nível da carreira. O dinheiro era bem pouco, e era em cruzeiros. Nossa vida oscilava com o câmbio: uma maxi-desvalorização quase nos fez passar fome. Mas aos 24 anos tudo é festa, e o negócio deu certo: voltei doutor, Duca voltou mestrada. Devo isso à UFMG e ao Werner. A ele devo também uma amizade que dura até hoje.

Depois fiquei sabendo que não fui o único a receber esse socorro. Academicamente Werner era aberto a todos os tipos de ideologia, a todas cor-

rentes de pensamento, a todas escolas de economia. Pessoalmente não era um homem de esquerda, mas era useiro e vezeiro em ajudar pessoas perseguidas por ditaduras, em vários países. Ajudou Celso Furtado, perseguido no Brasil, a conseguir uma posição em Yale. Em Vanderbilt fui colega e amigo querido de José Almino Alencar que, por ser filho de Miguel Arraes, vivia exilado em Paris. Lá fui também contemporâneo de vários hispano-americanos resgatados por ele daquelas horrorosas ditaduras que havia na América Central naquele tempo. Logo depois de 1973 começaram a chegar alguns chilenos.

Em 1977, foi a vez do Amilcar, meu irmão, também professor da nossa faculdade. Amilcar vivia preso, e tinha sido julgado duas vezes por tribunais militares, acusado de trabalhar na reorganização do PCB. Era formado em história, e andava na corda bamba, sempre com risco de novas prisões. Werner viabilizou sua ida para Illinois onde, com grande ajuda de Joseph Love, conseguiu recursos para financiar seu doutorado e sua manutenção.

Por essas e por outras, o gringo que pensáramos ser espião da CIA pegou fama de “subversivo” nos arraiais da ditadura. Um dia, seu apartamento no Rio foi invadido pela polícia e o Werner foi levado encapuzado, com uma metralhadora enfiada na barriga, como contava com muito orgulho (depois que passou o susto), para depor no Dops. Só foi liberado com a intervenção da embaixada americana.

Erraram em libertá-lo. Em seu convívio conosco, por todas as coisas que fez e ajudou a fazer, Werner foi muito mais subversivo do que jamais poderiam imaginar. Ele ajudou a mudar o Brasil.

Quando a gente perde as pessoas é que se dá conta de que poderia ter usufruído mais delas, e sobretudo que deveria tê-las homenageado mais. Me consolo com a certeza de que Deus reservou para ele um bom lugar no cercado dos bons economistas (que deve ser bem vazio), ou dos amigos do Brasil ou da Face, ou simplesmente na prateleira dos homens bons. Ou, mais merecidamente, em todos eles.

Sobre o autor

Roberto Borges Martins

Graduado em Economia pela FACE/UFMG, mestre e doutor em Economia pela Universidade de Vanderbilt (EUA).

É professor aposentado da FACE/UFMG, onde lecionou História Econômica e Teoria Econômica de 1971 até 2001.

Foi presidente da Fundação João Pinheiro e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA.